

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

1.<sup>a</sup> SERIE

NUMERO 6

GERENTE

DELPHIM DE NORONHA

LISBOA 5 DE FEVEREIRO DE 1881

HENRIQUE ZEFERINO

Exgotaram-se os numeros 1, 3 e 5 da nossa Revista. Já fizemos segunda tiragem dos n.<sup>os</sup> 1 e 3, e vamos fazer terceira do n.<sup>o</sup> 1 e segunda do n.<sup>o</sup> 5, sendo este o motivo porque não expedimos desde já as collecções requisitadas do Porto, Lisboa e outras terras.

## CHRONICA ALEGRE

Trata-se simplesmente...

Mau! lá me despenhei na voragem das reticencias!

Trata-se unicamente...

Mas se eu não sei por onde hei de principiar!

Trata-se singelamente...

Perdão, percebo agora que não ha nada mais complicado do que as cousas simples!

Embora!

Napoleão, aquelle Titan que retalhava a Europa com o ferro das baionetas, como eu corto a *omelette* do meu almoço com a minha pequenina faca de prata, e que escrevia deliciosas paginas espirituosissimas com uma penna de pato, como eu não escreverei nunca com a minha penna de aço, dizia que nos grandes lances é que se conheciam os grandes homens.

O facto explica-se em duas palavras...

Se Julio Cesar Machado fizesse favor de emprestar-me, ao menos por um quarto de hora, o seu feitiço especial de contar os casos mais vulgares da vida descobrindo-lhe effeitos comicos e aspectos imprevisivos!...

Porque, a verdade dolorosa é esta, eu tenho a mais absoluta de todas as convicções que possuo o mais insipido de todos os feitiços.

Oh! graça, espirito, *verve*, predicados que me faltam, porque não pousais por um momento a vossa pequenina aza radiante no meu pobre estylo incolor?

A final de contas, o que eu preciso dizer ao leitor diz-se mesmo sem graça e sem *verve*.

O caso é este:

Escrevem-me de Lisboa e da provincia perguntando-me, com um vago receio, mal dissimulado, que especie de idéa exprimem ou que objecto representam essas duas palavras, aparentemente sybillinas, que dão o titulo á nossa folha: **Ribaltas—Gambiaras.**

Respondo á provincia inquieta e a Lisboa atemorizada.

RIBALTAS, meus queridos leitores, são as luzes que collocadas á frente do proscenio, realisam muitas vezes com a sua claridade lactea e doce de aurora polar, o milagre prodigioso de transformarem as mulheres feias em mulheres formosas e provocantes como as houris do paraizo de Mahomet.

GAMBIARRAS, minhas amaveis leitoras, são as pequeninas borboletas de gaz que esvoaçam no recinto do palco, mordendo com a sua luz rectilinea os hombros nus das atrizes, afogados em pó de arroz, e as cabelleiras posticças dos actores, mergulhados na rhetorica do drama.

E agora que satisfiz, como um fiel chronista, a curiosidade do

meu publico, deixem-me satisfazer as predilecções do meu espirito arrancando ao *Voltaire* um dos seus *Camées* rutilantes, cinzelados pela penna delicada e insinuante de Theodoro de Banville.

Trata-se de Luiza Miguel, a sacerdotisa, ligeiramente doida, da communa.

Eis aqui como Theodoro Banville descreve o perfil de Luiza Miguel, cujo nome provoca ha mezes o epigramma gaulez, suscitando phrases de um atticismo moderno, verdadeiramente seductor.

Essa cabeça exaltada, poetica, pensativa, é uma bella cabeça de homem, deslocada em um corpo feminino, visto que ella exprime simultaneamente grandes aspirações ideaes e appetites, desejos violentos que podem ser os de uma immensa caridade. O cabello abundante é irritado e rebelde; a testa muito alta comprime-se nas fontes, como que esmagada por um dedo imperioso que lhe detém o vôo impaciente do pensamento. As faces são desenhadas por um largo plano e o nariz comprido é de um bello modelo; é todavia um pouco afastado da bocca, grande, larga, espessa, evidente, assim como a barba, denotando a obstinação; as maçans do rosto salientes accusam a alma insaciavel. O pescoço é comprido, firme, viril e sustenta sem vacillar a cabeça povoada de coleras e de sonhos. O que será que contemplam fixamente, protegidos por espessas sobrancelhas, esses olhos que interrogam o espaço e sobre os quaes se dobra revoltada a palpebra inferior? Talvez o vago futuro palpitante atravez dos seus véos, ou, mais além, sob os tristes céos, o tumulto ondulante e doido do mar quebrando-se em lamentos!...

\*  
\* \*

Á ultima hora, a *Chronica alegre* tem de pôr uma lagrima triste na local do *Seculo* (n.<sup>o</sup> 23.)

Poderoso articulista, se o meu espirito foi de *encommenda*, o que queres tu, cidadão, que eu chame, eximindo-me á responsabilidade do plagiato, á tua phrase *encommendada*?

Serriamente, tens a certeza de que Elle seja «o primeiro deputado portuguez?»

DELPHIM DE NORONHA.

## BIBLIOGRAPHIA

THOMAZ RIBEIRO — SONS QUE PASSAM

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO CORRIGIDA

Ao folhear a 3.<sup>a</sup> edição dos *Sons que passam*, uma curiosidade dolorosa depara-me a pagina 135. Á margem d'essa poesia esfumam-se, esvaídos como imagens vistas através de lagrimas, uns quadros d'aquelle festivo dia de julho de 1866. Junto de Castilho, que tinha no seio o coração de Jesus amigo das crianças, estão dous meninos. Eram meus filhos. Com uma alegria infantil, o jubilo das almas sãs que fazem a sua felicidade de cousas pequenas como as aves fabricam os ninhos de leves pennas que furtam á viração, Thomaz Ribeiro lia os versos que fizera para meus filhos recitarem ao principe da lyra portugueza. As crianças amavam o seu venerando amigo, mas em silencio como deve adorar-se o Incomprehensivel. Nas franças dos arvoredos fizera-se tambem o silencio d'esses outros

poetas que nos ensinam a cantar, sem a discutir, a Providencia que lhes dera a sombra, as flôres e as searas. Thomaz Ribeiro disse em nome das duas crianças que o contemplavam absortas:

Somos de troncos robustos  
os loiros, os tenros gomos.  
Das flôres surgirão pomos?...  
se Deus regar os arbustos!

Castilho puzera as mãos sobre as cabeças de meus filhos; rolavam-lhe as lagrimas pelas faces, quando Thomaz Ribeiro proferiu a ultima quadra:

Vaes partir! leva-a contigo  
e jura por teus carinhos  
que, em nós já sendo homemzinhos,  
serás nosso mestre e amigo.

O grande poeta partiu; e quando meus fillos podiam conhecer o coração e o espirito do mestre e amigo que os abençoára, Castilho morreu. Um d'esses meninos, á volta dos quinze annos, quando devia ler, nos versos de Thomaz Ribeiro, essa pagina inconsciente e esquecida da sua infancia, recebeu na frente um sopro de morte que lhe apagou a luz do entendimento. O sorriso que principiava a entreabrir-lhe nos labios o encanto das artes que precocemente o deliciavam, converteu-se n'uma hilaridade asperrima, despedaçadora, de demente.

Ha seis mezes que Thomaz Ribeiro o quiz ver retrahido no espaldar d'uma sege, como se um grande terror das cousas luminosas da vida lhe incutisse a consciencia da sua escuridão interior. Thomaz Ribeiro viu-o, e com os olhos rasos de lagrimas, como quem se despede d'um cadaver, disse-lhe: — Adeus, adeus, Jorge!

Nos *Sons que passam* está esta pagina onde, por uma reversão do passado, menos infeliz, para esta agonia de hoje, a saudade me faz ver uma das estações do meu calvario.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## FOLHETIM

### A RAINHA A INSTRUÇÃO PUBLICA

Se existe o paraizo, no que é prudente não acreditar sem as devidas reservas, o clima paradisiaco deve ser aquelle de que Lisboa gosa no momento presente.

No céu, de um profundo azul, limpido e inefavel, não ha uma nuvem. Os montes e os campos estão cobertos de uma pennugem aveludada, de um verde tenro e vivo. Os troncos das arvores, as rochas, os velhos muros das quintas cobrem-se de musgos macios e rutilantes, d'onde rebentam as heras gotejantes d'orvalho. As aguas novas afloram á superficie dos terrenos e cantam docemente pelos valles. Os laranjaes acham-se polvilhados de fructo, como se acabasse de cabir sobre elles uma geada de ouro. Nos jardins, embalsamados pelo aroma das violetas e pelo perfume penetrante da flôr das nespereiras, as camelias floridas parecem enormes ramalhetes de baile. Uma temperatura de 12 gráus centigrados, secca e viva, estimula os nervos, pica saudavelmente os musculos, e convida aos longos passeios das montanhas, ao prazer de caminhar ao sol, de trotar sobre o duro macadam das estradas, de correr a lebre na charneca, de caçar o coelho ou a perdiz, acompanhado da matilha, em grandes pernadas, de collina em collina, pelo meio da vegetação aspera das urzes, dos fetos e do mato.

Ora, é precisamente n'esta occasião, com o mais bello tempo do mundo, que eu leio no *Voltaire* um artigo de *Brumel*, no qual, referindo-se ao estado precario da saúde das rainhas na Europa, aquelle espirituoso jornalista nos diz, que *sob o clima hostil, inclu-*

THOMAZ RIBEIRO. — *D. Jayme*, poema com uma conversação preambular pelo fallecido Visconde de Castilho. Sexta edição, corrigida pelo autor.

Quando os escriptores eminentes de Portugal se queixam do silencio obstinado da imprensa periodica, não teem motivo sufficiente de agravo. Em primeiro lugar, a reputação constituída é uma gloria que dispensa ser affirmada com um credo semanal de phrases poídas pelo uso com que indistinctamente se estafam na pyndarisação de todos os adventicios. Em segundo lugar, a admiração espontanea gasta-se, e o artificialismo do elogio sobre posse requer um grande talento e poderosa imaginação de palavras. Um livro excellente, aplaudido e reeditado, tem a sua theosis definida: o enthusiasmo divinizou-o e firmou-o na sua magestosa immobilidade como qualquer dos milhares de deuses que a idolatria greco-romana punha no Olympo em uma serena perpetuidade gloriosa. Se succede multiplicarem-se as edições do livro consagrado pelo gosto derivado de paes a fillos, e a critica assiste silenciosa a este phenomeno, é por que a geração nova herdou da velha a admiração, o discernimento de muitos actua sem indicações da critica, e a voga do livro já não se atém ás caprichosas evoluções da Arte. Livros d'esta especie são o desespero dos Janins a 720, que não podem comprehender como as maiorias possuam um cerebro a funcionar independentemente da luz reflexa da glandula pincel d'elles. Aos Janins de raça, porem, deve relevar-se o silencio. Esses, ou não fallam — para não serem superfluos — das grandes faculdades incontestadas do livro seis vezes editado, ou entendem judiciosamente que não devem reeditar as suas quatro phrases apologeticas á proporção que a obra se reproduz.

Friza como exemplo ao proposito a nova e 6.<sup>a</sup> edição do *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro esplendorosamente sabida dos prelos do sr. Silva Teixeira, segundo o primoroso gosto com que o sr. E. Chardon se desvela na belleza incomparavel das suas edições.

O poema *D. Jayme* não teve apothese sem a consagração do martyrio. O seu proto-martyr, o Santo Estevão d'este Evangelho da nacionalidade portugueza, foi Antonio Feliciano de Castilho, que preambulou o digno livro com exuberancia de effectiva justiça e sincera expansão. Raros homens conheceram aquelle amantissimo espirito e estrenuo mestre acariciador de engenhos mal implumados para o temerario alar-se ás regiões tempestuosas da publicidade.

*mente e devorador de Portugal*, a senhora D. Maria Pia definha e morre a pouco e pouco, prostrada na nostalgia dos puros ares da Italia.

Eu estou inteiramente de accordô com *Brumel* sobre o facto de não passarem bem as rainhas. A vida para ellas não é effectivamente n'esta occasião a mais divertida cousa d'este mundo. Depois, as rainhas são debeis. As familias reinantes á força de se alliarem involuntariamente umas ás outras por meio de casamentos de sangue reinante, tem constituído uma raça especial, a raça monarchica, composta de individuos louros, lymphaticos, de sangue empobrecido.

Os maridos regios cultivaram sempre atravez da historia o habito de ofertarem regularmente a suas mulheres alguns fillos bastardos. Este costume, ainda hoje mantido em muitas cortes, não é o mais proprio para assegurar ás rainhas uma perfeita felicidade domestica.

Alem d'isso temos os regicidios, cujas tentativas se repetem com uma periodicidade afflictiva. A couraça á prova de bala tornou-se um objecto tão vulgar nos reis, como em nós a camizola de flanela. As suas carruagens de gala e de passeio são blindadas como fortalezas. É-lhes preciso precaverem-se igualmente contra o veneno ministrado nos alimentos, nos cosmeticos, no perfume das luvas e das cartas, contra as explosões das minas nos palacios e contra os descarrillamentos premeditados nos caminhos de ferro.

Esses pobres condemnados ao throno por toda a vida não podem sabir nem entrar em casa, viajar ou ficar no quarto, ler um bilhete, cheirar uma flor, fumar um charuto, comer uma colher de sopa, beber um copo d'agua, sem previamente se prepararem para deixar este mundo, como na vespera de um duello de morte, ajustado com o imprevisito a cada momento da existencia. Compreende-se bem que não seja uma cousa infinitamente apreciavel a existencia das

Livro que elle carimbasse de bom tinha em si a vitalidade perduravel, independente das inculcas do seu grande nome. *D. Jayme*, sem a apresentação de Castilho, teria encontrado as mesmas ovações dos escorretos e menos hostilidades dos nescios. Se guerra lhe fizeram ao poema, os dardos alvejavam Castilho, e a obra sabia illesa, e mais para viver, a cada nova edição. A critica, a poucas voltas, esbateu-se pelos nimbo dentro da sua ineptia, e fez do seu silencio uma reconciliação salutar com o desprezo publico. Tinha dito Castilho que os *Lusiadas*, como livro de moral, não devia ser lido nas escolas, e alvitrou o *D. Jayme* em que se agrupavam com a formosura da dicção todos os predicados optimos para incutir affectos e enthusiasmos civicos. Tempestuou a celeuma contra o alvitre. Bem se lembram: — Que Camões fora poeta muito maior que Thomaz Ribeiro: — que tomara toda a gente poder escrever os *Lusiadas*; — que o confronto era uma profanação; — que Luiz de Camões era uma gloria nacional. Castilho tinha dito isso tudo melhor do que elles; mas a insidiosa sandice dos oppugnadores convinha-lhe desfigurar e deturpar o que o egregio admirador de Camões tinha escripto e feito com revelantissimo patriotismo. São volvidos 18 annos, e os *Lusiadas* nem já castrados pelo sr. Viale com mão pudica tem credito nas escolas, e *D. Jayme* triumpho pela 6.<sup>a</sup> edição portugueza, afóra as contrafacções brasileiras — o que faz suppor que n'este paiz se inauguraram gynecocos de adultos para comprehendem as bellezas do poema na forma e no espirito d'essa benemeritamente chamada *epopeia nacional*.

Eu nunca fallei d'este poema, com quanto lhe ouvisse alguns canticos antes de impresso e compartisse do enlevo que a declamação graciosa do author acrisolava. Não vim a publico, como seria meu dever, entre os minimos na tarefa de bem aquilatar o ouro d'esse livro singular, porque a ideia organica do poema não me era sympathica. O afinado patriotismo para mim é uma idea abstracta; necessario de grande contensão de espirito para lhe dar relevo, forma, feito que a distinga de outras muitas idealisações banaes. Por isso, discursos, odes, romances e poemas patriotas me commovem tão mediocremente como as philarmonicas assanhadas no 1.<sup>o</sup> de dezembro de cada anno em que os céos e os figles permittem que Portugal apresente o seu testemunho annual da fanfarrice pueril. Manifesto francamente este aleijão no tribunal da critica, na esperança de que ella me desculpará, visto que esta deformidade psychica não m'a podem corrigir os algebristas. Mas, não fallando mais

senhoras obrigadas pelo casamento a serem as companheiras d'esses individuos.

As distrações da vida da corte, essas deixaram ha muito de ter o encanto que n'outro tempo as distinguia. Os bellos pagens namorados, os menestreis e os trovadores acabaram. Os mosqueteiros pittorescos e os gentis capitães das guardas converteram-se em elemento archeologico dos romances de capa e espada. Os jovens fidalgos, que no tempo do antigo regimen vinham arruinar-se em luxo na corte dos seus reis, preferem agora a esse genero de dissipação as roletas de Monaco ou de Baden e as *drolisses* do *Quartier Breda* em Paris. Os poetas e os artistas prescindiram tambem da protecção que antigamente recebiam dos soberanos, o que deu em resultado principal o haver pintores e litteratos millionarios. Finalmente, a revolução operada nas ideias e nos costumes contemporaneos deslocou inteiramente o eixo da elegancia, e reduziu a vida palaciana a essa caturreira insípida que ninguem no mundo ambiciona, que ninguem inveja, e a que poderíamos chamar a bisca de familia das testas coroadas.

Portanto, que Sua Magestade a rainha de Portugal se aborreça profundamente no alto d'esse velho throno em que se sentou D. Fajreza, e em que se sentou D. Urraca, parece-me a cousa mais natural d'este mundo. O que se me não figura igualmente provavel é que n'essa morbidade de espirito influa, de um modo tão directo como julga *Brumel*, a nostalgia da salubridade da Italia, onde a custo vive na *malaria* de Roma entre a melancolia das ruinas cesareas e a maldição dos odios da igreja.

Da ultima vez que Sua Magestade a rainha visitou a côrte de seu irmão, adoeceu ahí gravemente um dos seus camaristas, morreu uma das suas damas, e a propria rainha contrahiou a doença de que mais tarde esteve á morte em Lisboa.

d'esta pobreza de sangue gallegiano que me torna indifferente á fusão iberica, o que a mim me enfeitou no poema de Thomaz Ribeiro foi a urdidura maravilhosa da narrativa, a selecta escolha dos rhythmos variados, o primor das rimas, a vernaculidade das locuções, o lusitanismo dos personagens, as pompas que engalaneiam as ideias grandiosas, a singeleza idyllica d'umas scenas travadas com outras d'um fragor tragico. Relendo hoje a 6.<sup>a</sup> edição d'este livro immorredouro, não me sinto mais patriota; mas ratifico pela contextura do poema a minha admiração de annos que lá vão tão longe, e me fazem d'este livro uma saudade mais penalizadora que a perda da autonomia.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Transcrevemos da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro o notavel folhetim do sr. Ramalho Ortigão, chamando a attenção do leitor para a segunda parte que tão eloquentemente se refere á instrucção publica..

\* \*

Recebemos o n.<sup>o</sup> 4 pertencente ao anno XXXI do *Correo de la moda*, um dos jornaes de modas mais interessantes e bem redigidos que se publicam na Europa e de que é redactora a insigne escriptora hespanhola, Angela Grassi. O *Correo de la moda*, que vê a luz publica em Madrid, é impresso em varios idiomas e insere a par da secção de modas, habilmente dirigida por D. Joaquina de Balmaseda, uma serie de excellentes artigos e versos devidos á pena dos principaes escriptores hespanhoes.

\* \*

A ex-imperatriz dos francezes vae dar á estampa dois livros, *Historia e vida do principe imperial* e *Notas de Napoleão III*, escriptas pelo seu proprio punho.

\* \*

Edmundo About vendeu por 1:500\$000 francos a parte que lhe cabia de proprietario do jornal *XIX Siècle*. O eminente jornalista negou no *Siècle* a veracidade d'esta noticia, que os seus collegas insistem que não é *canard*.

O tedio de Sua Magestade não pode, em taes circumstancias attribuir-se segundo me parece, á irresistivel attracção que, sob o nome de *puros ares da Italia*, exerça no espirito da princeza a lembrança de um foco de infecção mortifera, em que florescem em tão harmonico accordo, para dar cabo das familias, as febres dos pantanos, as excommunições dos pontifices e as monomanias regicidas dos Passavantes.

É mais razoavel talvez a hypothese de que, na sua qualidade de rainha, Sua Magestade padece apenas a nostalgia da simples liberdade, e que o seu tedio não é mais que o atrophiamiento da vontade, no exercicio d'esses pequenos deveres de cada dia, em que as burguezas se sacrificam jubilosamente á felicidade da familia, dirigindo a cozinha, a despensa e a horta, fazendo as compras na tenda, lavando os filhos, concertando os guardanapos, escripturando a despeza da casa, e dando ao sabbado a roupa branca á lavadeira.

Eu tomo um certo calor n'esta questão — e espero que os leitores m'o desculpem — porque, realmente, se os estrangeiros, por um conhecimento imperfeito da nossa meteorologia, começam a desacreditar-nos o ar perante a opinião europêa, o que é que esses senhores nos deixam para base do nosso direito ao pão do bom Deus?

É certo que, por uma tendencia fatalmente chinfrinante e acanhadora, os nossos governos vão successivamente corrompendo e estragando tudo aquillo em que mexem. Mas pede a justiça que, para honra d'elles, se confesse uma grande verdade, que eu folgo de poder proclamar como bom patriota, em face do seculo: os governos portuguezes têm sempre caprichado em patentear a mais sabia indifferença pelas reformas atmosphericas, de modo que o clima — o e juro! — está puro: nenhuma portaria o elogio, nenhum decreto recahiu sobre elle, e nenhuma commissão legislativa se encarregou de o tornar melhor! É por isso que elle ainda é bom.

\*  
\*  
Devemos uma rectificação ao distincto editor, o sr. Ernesto Chardon, acerca da primeira resposta do grande escriptor, Camillo Castello Branco, ao sr. Conceição, publicada no n.º 12 da *Bibliographia*. A verdade é que o sr. Camillo enviara obsequiosamente ao sr. Chardon copia do artigo que se dignou remetter em primeira mão para a nossa revista.

\*  
\*  
Distribuiu-se o 32.º fasciculo, pertencente ao volume 3.º, da magnifica illustração para Portugal e Brazil, *Os dois mundos*.

O numero que temos á vista, primorosamente impresso em papel superior, como todos os d'esta luxuosa publicação, contém sette excellentes gravuras.

O summario é o seguinte:

*O Natal portuguez*, Xavier da Cunha — *Jesus Christo e os phariseus* — *As tres missas do Natal*, Alfonso Daudet — *O creado do fidalgo* — *Urna divina*, Joaquim de Araujo — *Contando como morreu o avó* — *Para os pobres* — *Raphael Sanzio*, Charles Blanc.

É proprietario gerente dos *Dois mundos* o sr. Salomão Saragga, escriptor dotado de não vulgar illustração, e gerentes em Portugal os srs. Cruz & C.ª, rua Augusta, 102, 104.

\*  
\*  
Publicou-se o n.º 51 da *Moda Illustrada*, contendo alguns figurinos elegantissimos e uma colleção de *costumes masqués*, qual mais bonito e de melhor gosto, especialmente para as crianças que são afinal de contas as unicas mascaras que não dão vontade de chorar á gente, á força de quererem fazer rir.

A *Moda Illustrada* é a leitura predilecta das senhoras portuguezas, distrae-lhes o espirito e ensina-as a confeccionarem economicamente as suas toilettes.

A parte litteraria, espirituosa e bem escolhida, põe um fecho de ouro n'esta publicação, que, como muitas outras, honra o seu editor, o sr. David Corazzi.

\*  
\*  
Sahe esta semana o novo prefacio da edição portugueza do *Portugal de Relance*, de Madame Marie Rattazzi.

\*  
\*  
Não podemos, infelizmente, dizer outro tanto a respeito da instrucção publica. O governo reformou-a por decreto de 14 de outubro d'este anno, e, de accordo com essa lei, foram ultimamente publicados os novos programmas da instrucção secundaria nos lyceus.

Basta lançar a vista a este documento, para se poder ajuizar da acção deprimente, esterilizadora e fatal que tem a iniciativa do estado no progresso mental d'este paiz.

Em presença de um tal programma de estudos, ninguem pode duvidar que a abstenção completa do governo seria muito mais util do que a sua intervenção n'este ramo de serviço publico.

Ministrado por tal modo, o ensino é uma verdadeira condemnação da intelligencia, é uma barreira opposta ao desenvolvimento natural do espirito.

Imagine-se uma criança de 10 annos de idade. Por mais imperfeita que tenha sido a sua educação, é enorme a somma dos conhecimentos espontaneamente adquiridos n'esse primeiro periodo da existencia. Sem que ninguem a ensinasse, a criança aprendeu a falar uma ou mais linguas. Eu conheço um pequeno de seis annos, que falla igualmente bem o francez, o allemão e o portuguez, sem nunca ter tido mestres.

Se é um plebeu — porque é entre o povo que as crianças mais rapidamente se instruem — elle tem aos 10 annos uma provisào verdadeiramente prodigiosa de conhecimentos positivos; criado no campo, conhece e distingue os nomes e as fórmãs da maior parte das plantas que constituem a flora da sua região, os peixes do seu rio, os insectos e as aves do seu arvoredo; conhece a vida e os costumes de muitos d'esses animaes, e a evolução de muitas d'essas plantas; para se não perder no monte ou na charneca, habitua-se a

## ALEXANDRE HERCULANO NO BRAZIL

O dr. Zeferino Candido, conhecido propagandista do methodo de leitura de João de Deus, vac fazer uma prelecção no salão da Sociedade portugueza de beneficencia do Rio de Janeiro, especialmente destinada a exaltar a idéa patriótica de levantar um monumento a Alexandre Herculano. O dr. Zeferino Candido tenciona analysar e combater vigorosamente todas as opiniões adversas á realisação d'esse pensamento, que será como que a realisação tangivel da alma da nação.

Transcrevemos do *Diario Popular* de 1 do corrente as palavras merecidissimas que se referem ao proprietario das *Ribaltas* e que em nome da redacção agradecemos.

«Foi recentemente agraciado com a cruz da Ordem de Christo, o sr. Henrique Zeferino d'Albuquerque, editor e proprietario do *Diccionario Universal Portuguez*.

É realmente merecida a distincção que o governo acaba de conferir a este cidadão benemerito, que tem empregado os maiores esforços para levar a cabo a obra mais collossal que, até hoje, se tem publicado no nosso paiz.

Os governos honram-se galardoando os homens de verdadeiro merito.»

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

A BORRALHEIRA

«Meigos pés pequeninos, delicados  
Como um duplo lilaz, — se os beija-flores.  
Vos descobrissem entre as outras flores,  
Que seria de vós, pés adorados!

Como dois gemeos sylphos animados,  
Vi-vos hontem pairar entre os fulgores  
No baile, ariscos, brancos, tentadores...  
Mas, ai de mim! — como os mais pés calçados.

comparar os aspectos do céo com relação á configuração dos terrenos, e aprender a orientar-se de dia pelo sol, de noite por certas estrellas. Se é da beira-mar, e foi criado entre pescadores, conhece perfeitamente a theoria das marés, a corrente dos ventos e a sua influencia nos estudos atmosphericos, o regimen do seu rio ou do seu porto; sabe nadar, sabe remiar, sabe ferrar uma vela, sabe manear um leme.

Nas cidades, uma criança do povo, aos dez annos de idade, conhece perfeitamente a topographia do seu bairro, e, sem ter recebido directamente lições de ninguem, conhece a moeda em todas as suas complicadas divisões e subdivisões, conhece as principaes medidas de peso e de capacidade, comprehende o systema metrico, e faz mentalmente e instinctivamente as contas de sommar, de diminuir, de multiplicar e de dividir. Se entrou na escola aos cinco ou seis annos, aprendeu tambem a ler e a escrever, e ainda que muito imperfeitamente (porque nas escolas de instrucção primaria, em vez de ministrar conhecimentos o professor obriga apenas o alumno a decorar palavras), elle adquiriu umas taes ou quaes noções de geographia e de historia. Se o não contrariam besteficamente na disciplina do collegio ou na educação da familia, que tem em vista fazer os meninos bem criados á força de os obrigar a estar quietos e calados, um rapaz aos dez annos tem as mais vivas curiosidades de espirito e o mais consideravel poder de observação. Elle passaria horas de contensão profunda a ver um passaro fabricar o ninho, a ver uma aranha urdir a teia, a ver o bicho da seda fabricar o casulo.

Todo o apparelho mechanico atrahirá fortemente sua attenção, e quem o quizer prender por todas as forças da sua intelligencia na contemplação de um phenomeno, mostre-lhe um tear, uma serra mechanica, um torno em movimento, a fabrica de um relógio, o

«Calçados como os mais que desacato!  
Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato  
Leve, ideal, fantastico, secreto...»

Eil-o. Resta saber, anjo facciro.  
Se acertou na medida o sapateiro:  
Mimosos pés, calçai este soneto.»

Brazileiro — LUIZ GUMARÃES.

## ★ GRAVATA BRANCA ★

Ha usos que uma pessoa pôde não approvar, mas perante os quaes deve inclinar-se, como o irmão do sr. D. Fernando se inclina provavelmente para o Creador, quando vae dar tiro, na sua qualidade distinctissima de irmão de Santo Huberto e caçador deante do Senhor.

Por exemplo, o sujeito é convidado para ir jantar a uma casa de cerimonia no dia tantos ás tantas horas:—e vae de casaca. Nada mais natural, enquanto a esta parte melindrosa. Disseram-lhe isso, escreveram-lhe para isso, convidaram-o emfim, com dez dias de antecedencia.

Está bem.

Nada mais natural.

Casaca e lenço branco.

O convitesinho, de mais a mais, talvez seja n'um magnifico cartão, em lithographia... Está excellente. Que seja assim, ou não seja assim, com cartão ou sem elle, está optimo. A casaca é de rigor, e o lenço branco idem.

Mas, apenas na ante vespera, é que lhe chegou ao sujeito uma palavra, n'um bilhete de visita, a lapis, á pressa, de corrida...

«Meu caro amigo.

Vem jantar connosco depois de amanhã, sim? Não ha mais ninguém. Nada de ceremonias.»

Ora, na vespera, ao passarem por elle, no Chiado, e quando o sujeito deu um passo á frente do Baltresqui ou da Casa Havaneza:

—Até amanhã?

interior de um piano, de um candieiro Carcel, de uma caixa de musica, da fecharia de um revolver, etc. Quando á porta de um salchicheiro se pendura um porco morto, aberto, com o caniço no ventre, todos os pequenos livres que passarem na rua, mas todos sem excepção alguma, pararão a contemplar o systema intestinal do bicho. Uma breve lição pratica dada á crianca no primeiro dia em que este espectáculo a surprehende, e ella ficará percebendo para todo o sempre a anatomia geral dos vertebrados, a physiologia da digestão e a theoria da circulação do sangue. Porque aos dez annos de idade a crianca nada mais ardentemente deseja do que o ser-lhe permitido observar e ter quem a ajude a discernir e a explicar.

Ora, é precisamente n'essa idade que o lyceu se apodera do rapaz para tomar por sua conta o fazer d'elle um homem instruido.

O methodo pedagogico, hoje perfeitamente determinado e definido nas suas partes essenciaes, prescreve rigorosamente que em todo o ensino especial e em todo o conjuncto, da instrucção se deve invariavelmente partir do simples para o composto, do homogeneo para o heterogeneo, do concreto para o abstracto, accommodando-se estreitamente á ordem por que as diferentes faculdades se vão progressivamente desenvolvendo no cerebro do adolescente. Dadas estas bases, vejamos como o lyceu principia, segundo o novo programma, a instrucção do alumno.

O lyceu principia por ensinar grammatica! *Grammatica*, sua definição e divisão — é o primeiro artigo do programma.

Quando as faculdades predominantemente desenvolvidas são as da observação e da analyse; quando o espirito sequioso do estudante pede a explicação dos grandes phenomenos physicos e naturaes, dos factos visiveis e tangiveis que por todos os lados o rodeiam na vida; o lyceu começa a educal-o, arrancando-o evidentemente a todas as curiosidades, a todos os interesses, a todos os

—Hein?

—Até amanhã, sim, fica dito; sem cerimonia!

Mas...

Se um homem cae na peta de ir para lá de rabona, achar-se-ha unico da sua especie, e passará por mal creado; se fôr de fraque preto, é ratãozinho; se vae de sobrecasaca, não passa sem lhe dizerem:

—Bravo! Este é que fez bem, vêem?

Todos:

—Em quê?

Elle:

—Eu?! Em quê?

—Em não estares com massadas, como estes... Em não vires de casaca!

—Ah!...

—Ah!...

E o mais curioso, é que já não basta a casaca. A casaca por si só, já é pouco...

É preciso...

—Farda?

Não.

Mas é preciso...—está já sabido!—a gravata branca!

O' Bayardo! O' innocente velho, que por tantos annos foste em Lisboa o unico homem de gravata lavada! Se tu soubesses, grande e respeitavel conselheiro Ildefonso Leopoldo Bayardo, ou Bayard, commendador da Conceição, cavalleiro de Christo, grã cruz da Rosa e de Carlos III, no tempo em que tudo isso eram prendas de estimação... Ah! se tu soubesses grave ministro plenipotenciario em disponibilidade, a quem toda a gente pela rua tirava o chapéo, porque admirasse tua urbanidade, tua primorosa cortezia, a graça digna do alvejar do teu cabelo, e o esmero de vestuario que te distinguia como a todo o homem fino, que cuida de si tenha que annos tiver, para não se parecer com estes porcalhões modernos, que acham tafalaria escovar-se pouco... Oh! bello ancião, de casaco comprido á Palmerston, calça estreita, chapéo napoleanesco, e gravata branca, sempre gravata branca,—se tu soubesses o que por ahi vae d'isso agora..., e como a usam, e como a põem, e porquê, ás vezes, e para que...! darias um pulo de baixo da terra, que inquietaria o teu amigo Beeker.

Porque emfim, a não ser por *chic* especial, como o amavel

estímulos da applicação e do estudo na sua idade; e, em vez de principiar por explicar-lhe o que é o sol que entra pela janella, o que é a terra em que elle pousa os pés, o que é o ar e a luz que o envolvem, o que é a côr, o que é o som, o que é a força, o que é o movimento, o lyceu prega-o n'um banco, sequestra-o em espirito a tudo quanto é vivo, elimina-o de tudo quanto pôde ferir-lhe os sentidos e despertar-lhe a attenção, sepulta-o á força com um livro na mão, na escuridão profunda do que ha de mais abstracto na metaphysica, e obriga-o a definir n'uma lingua barbara, em termos inteiramente desconhecidos, o que é o *substantivo*.

Quando elle tiver fingido, á força de decorar palavras sem sentido, que sabe o que é substantivo—cousa que realmente elle não aprenderá nunca—o alumno passará a occupar-se de um ponto igualmente interessante; o que é o *adjectivo*. Depois passará ao *verbo*, etc.

E todos quantos conhecimentos reaes, positivos, verdadeiros, o alumno sem mestre ia aprendendo espontaneamente e praticamente nas suas relações com a vida e com a natureza, ficarão suspensos, suffocados á nascença com todo o progresso da sua intelligencia, até que elle saiba perfeitamente fingir que conhece o que são as *partes da oração*, a *morphologia*, a *syntaxe*, uma serie enorme de cousas absolutamente e completamente inuteis, sem as quaes a humanidade viveu por muitos seculos, e que podem perfeitamente eliminar-se do patrimonio dos conhecimentos humanos, sem que nem de leve se altere a riqueza do espirito no presente seculo, porque não ha fio algum, por mais tenue que elle seja, pelo qual o conhecimento da grammatica se prenda ás conquistas do homem no conhecimento do universo.

Depois de aprender a *grammatica*, o alumno passa a aprender no lyceu, segundo os novos programmas, as linguas franceza, in-

Bayard, para isso de gravata branca ha regras; a gravata cumpre ser preta, ou branca, conforme o intervallo de tempo que decorra do convite ao jantar; tudo o mais é zêlo em demasia, e, cabindo em pieguice, descamba, pelo abuso, em caricatura.

JULIO CESAR MACHADO.

## CARTEIRA DE UM FARCISTA

DOLORA

*Elle* — era bom marido, não admira...  
o calix era-lhe doce... inda sem fezes,  
...casado ha nove mezes!  
Mal vio a companheira idolatrada  
afflicta, e com as dores, atribulada  
sahe de casa a correr — n'uma carreira —  
em busca da parteira.

Era de noute e tarde, já fechada  
estava a porta da escada;  
bate as palmas, — de repente,  
tem na frente,  
em vez do nocturno desejado,  
um touro bem armado,  
que lhe dá em cheio uma marrada  
tão bem dada,  
que por um triz o vira de avesso!  
Que successo!...

A. PITOU.

## ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro de S. Carlos

A *Martha*, um bello idyllio pastoril, uma filigrana artisticamente trabalhada que serve de engaste a uma perola valiosissima, a aria

gleza e latina. Porque methodo? Pelo methodo grammatical! Absolutamente como se fazia ha tres seculos, em pleno regimen da pedagogia jesuitica. Desde o seculo XVI até hoje os reformadores da instrucção publica em Portugal não aprenderam mais nada. Pelo programma dos estudos secundarios, decretado em Lisboa no fim do seculo XIX, no anno de 1880, as linguas aprendem-se ainda *pelas partes do discurso*, o que já se não faz em parte alguma do mundo, nem na Allemanha, nem na Inglaterra, nem em França, nem nos Estados-Unidos, nem na Italia, nem na propria Turquia! Porque todos os pedagogistas comprehenderam hoje, como diz Spencer, que é tão irracional e tão estúpido começar a ensinar as linguas pelas *partes do discurso*, como seria estúpido principiar a ensinar a andar pela anatomia dos musculos, dos nervos e dos ossos das pernas.

Aprendida a grammatica das linguas vivas e mortas — sempre a grammatica, grammatica durante cinco annos, o exercicio sufficiente para prostrar para todo o sempre um cerebro! — o alumno passa a aprender geographia e historia, arithmetica, algebra e geometria, *philosophia, racional e moral, elementos de physica, chimica e historia natural, elementos de legislação, e desenho.*

Do modo estupefactivo como estas disciplinas vão ser ensinadas, não se pôde ter idéa sem ler integralmente os capitulos relativos a cada uma d'ellas. Falta-me o tempo para uma tão longa analyse. Resumindo, direi que o lyceu apenas se mostra nas condições de poder talvez vir a ensinar a arithmetica, a geometria e a algebra. De tudo o mais, segundo o programma, o lyceu não sabe o que se deve aprender. Alguns rapidos exemplos, e termino.

No programma de historia antiga começa-se pelas *tradições bíblicas* e segue-se a historia do povo hebreu, pedindo-se apenas *noções summarias* da civilisação indo-chineza, berço do espirito e do saber humano.

da rosa, deu-nos esta semana a novidade de Corsi substituindo Fancelli. Corsi, que phraseia deliciosamente, pondo a alma onde o sr. Fancelli costuma pôr mechanicamente a grande voz de que Deus lhe fez mercê, deu um relevo inteiramente excepcional á parte de Leonel.

Raras vezes temos ouvido cantar a musica graciosa e namorada de Flotow, que exprime como a musica de Bellini todas as deliciazas mysteriosas de um coração apaixonado, com uma tão perfeita identificação do canto.

O distincto tenor não se limita a repetir a nota, sente-a.

Infelizmente, a voz pequena e gasta do cantor não pôde seguir no seu vôo luminoso a alma do artista.

Separa-as uma distancia consideravel e d'ahi a frieza relativa do publico, que tendo a mais absoluta de todas as indifferenças pelo que constitue a esthetica da voz, só verdadeiramente se enthusiasma quando os cantores enchem a sala de notas extensas, arrancadas da cabeça, embora não insufflem no espirito do auditorio nenhuma das commoções divinas que o maestro communicou á musica, como os poetas transmittem aos versos o calor da sua inspiração.

Nanetti não tem de certo n'esta opera occasião de ostentar os seus apreciaveis dotes vocaes e dramaticos, exuberantemente affirmados no *Fausto* e nos *Huguenotes*.

Entretanto, para quem, como nós, tivera a desventura de ouvir a *Martha* com Sbordonna, a sua execução foi um primor... especialmente depois do confronto.

A Vitali, que tem na partitura de Flotow um dos seus mais fauceis, mas nem por isso menos valiosos triumphos, adaptando-se maravilhosamente o soprano trinado e fresco da graciosa *prima dona* a essa musica ligeira e borboleteada, cantou excellentemente, brilhando sobretudo na aria da rosa, a doce melodia irlandeza, que é como que a syntese da *Martha* e por ventura sua inspiradora.

A eminente cantora disse com suavissima expressão, bordando-os de *floritures* e dando-lhe a vaga idealisação do sonho que os caracteriza, estes versos:

*Qui sola, vergin rosa,  
Come puoi tu fiorir!*

.....

O publico fez-lhe uma ovação e chamou-a no final da opera,

Na parte relativa á historia romana, o periodo dos *reis* constitue uma das primeiras partes do ensino, o que prova que os auctores do programma suppõem ainda que houve *reis* em Roma.

Na historia de Portugal, o desenvolvimento da nacionalidade e da civilisação acha-se adstricto á evolução dynastica e a historia d'este povo divide-se n'este programma pelos seguintes periodos: *reis da dynastia affonsina e factos principaes de seus reinados; reis da dynastia d'Aviz e factos principaes de seus reinados; os Philippes; reis da dynastia bragantina e factos principaes de seus reinados!*

Na parte relativa á chamada *philosophia racional e moral*, depara-se-me um titulo que me enche de confusão. Tratando das materias relativas aos primeiros principios do conhecimento, diz o programma: *Do ser e do dever*. Que demonio poderá querer exprimir esta singular e estranha copulação de termos: *ser e dever*? Os metaphysicos francezes dizem *l'être et le devenir*.

Dar-se-ha caso de que os nossos reformadores da instrucção secundaria traduzam *devenir* por *dever*? Seria a unica explicação plausivel para este ponto. Mas todas as demais partes do programma de *philosophia racional* são para mim igualmente obscuras e enigmaticas. Trata-se do *eu sujeito* e de *Deus fundamento*, do *ser*, da *substancia* e de mil outras cousas que são para a minha pobre razão outras tantas charadas solemnes e indecifraveis.

Se cinco annos de grammatica não fossem mais que sufficientes para imbecilizar completamente um alumno, este só anno de *philosophia racional* bastaria, a meu ver, para nos garantir o idiota.

Boa lei para fazer habar os homens!

RAMALHO ORTIÇO.

juntamente com Nanetti, Corsi e Sinesberg, que executou admiravelmente a parte de Nancy, distinguindo-se na romanza do 4.º acto, a que o seu bello contralto, sonoro e velludoso, deu um encanto excepcional.

### Theatro da Rua dos Condes

A *Probidade*, drama em 1 prologo e 3 actos original de Cesar de Lacerda.

Não podemos assistir a nenhuma das primeiras representações da *Probidade*, e, por fatalidade, só conseguimos presenciar a ultima!

É tarde por conseguinte para escrever do drama.

Alem de que a *Probidade*, depois de 100 representações, já está sufficientemente conhecida e analysada. É uma peça, como muitas outras, que fizeram as delicias de nossos paes, então imberbes e prodigiosamente inclinados á sensibilidade offegante que se diluia em lagrimas susceptíveis de ensoparem duzias de marotinhos.

Não pretende, por modo algum o nosso inoffensivo gracejo negar o merecimento ao drama do sr. Cesar de Lacerda, um auctor que resiste a todos os gracejos por isso que possui um talento superior a todas as contestações.

A *Probidade* é uma peça bem architectada, para a epocha em que foi escripta.

Tem as qualidades e os defeitos d'esse genero *demodé*, que os parisienses sepultaram no Palays Royal e que nós enterrámos n'esse velho pardieiro, que se chama o theatro da rua dos Condes.

Todavia, nem por isso deixamos de lá ir, de vez em quando, como os parisienses vão ao Cluny ou ao Palays, ensoparmo-nos no pranto ingenuo e entedarmo-nos no emmaranhado novello de umas aventuras extraordinarias, que não teem principio nem fim, e que apuraram a inventiva a ponto de recommencarem exactamente no momento em que uma pessoa imagina que vão concluir.

O primeiro acto da *Probidade*, passado a bordo de uma fragata, de um bello effeito maritimo, é talvez o melhor do drama.

No desempenho distinguiram-se Posser, Pinheiro, dando o relevo apropriado aos personagens do official de marinha e do marujo. Sophia, que faz um papel de ingenua, vestiu-se elegantemente e disse algumas phrases com delicadeza e naturalidade. Costa, Nobre, Amelia Vianna, Franco e outros concorreram para o bom exito da *reprise*.

GUIOMAR TORRESÃO.

### A CARTEIRA DE PRUDHON

A baroneza de \*\*\* foi *poser* ao *atelier* de um pintor muito conhecido, além de tudo pela sua veia sarcastica.

— Peço-lhe, diz a baroneza, que me tire o retrato de perfil, tenho um olho maior do que o outro e desejo occultar esse defeito.

O pintor, observando-a attentamente e com inflexão naturalissima:

— Qual d'elles, baroneza?

No tribunal:

— Então o sr. foi atirar um copo ao seu visinho, quebrando-lhe a cabeça?

— Perdão, sr. juiz, não foi assim.

— Então como foi?

— Não era um copo... era um calice!

A sr.<sup>a</sup> D. Florencia das Neves toma banhos do mar. Achando difficuldade em calçar as meias á saída do banho, a sr. D. Florencia declara peremptoriamente ao seu respeitavel consorte, um merceiro estabelecido na rua dos Bacalhoeiros:

— D'aqui em diante não descalçarei mais as meias ao entrar no banho, para não ter a massada de calçar-as depois com os pés humidis!

Discutia-se na Havaneza a singular preferencia concedida por um *estouradinho* abastado a uma orphã pobre, que vae desposar.

— Ora essa, observa um amigo do noivo, uma orphã, mesmo que não possua um real, é sempre uma grande riqueza!

— Porque?

— Porque exclue a possibilidade da sogra!

### RUMORES DOS PALCOS

Ensaia-se no theatro de D. Maria a comedia em 4 actos — *O grande homem*, original de Bento Moreno. Sobre á scena pela primeira vez em beneficio de Joaquim de Almeida.

\*

\* \*

Uma grande noticia que vae causar sobresalto aos leitores!

Sarah Bernhardt, depois da serie de representações que tenciona dar em Madrid, vem a Lisboa. A peça escolhida para a estreia entre nós da eminente actriz parisiense será a *Estrangeira*, cujo papel ella representará em francez, representando os actores do theatro de D. Maria em portuguez.

\*

\* \*

A *Gran-Duqueza de Gerolstein* authentica, a celebre Schneider, que tanta bulha fez em Paris, e acerca da qual publicaremos em um dos proximos numeros um longo artigo, vendeu o seu esplendido palacio do bosque de Bolonha, um sonho das *Mil e Uma Noites*, por 800:000 francos.

\*

\* \*

O *Jack* de Daudet, onde a maternidade apparece sob o aspecto repulsivo de um aborto moral, continua a attrair a attenção da critica franceza, sendo além de tudo admiravelmente representado.

\*

\* \*

A Comedie Française tem em scena a nova peça de Dumas — *A princeza de Bagdad*.

\*

\* \*

Representa-se actualmente no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, a conhecida comedia de Labiche — *Um chapéo de palha de Italia*. A comedia, espirituosamente traduzida pelo dr. Ferreira de Araujo, redactor da *Gazeta de Noticias*, tem obtido um grande exito de gargalhadas. Interpretam os principaes papeis os artistas portuguezes Silva Pereira e Herminia.

\*

\* \*

Vae representar-se no theatro Lucinda do Rio de Janeiro a comedia de Sardou — *Os intimos*.

\*

\* \*

Acha-se ao presente no Rio de Janeiro uma *troupe* franceza muito regular,

A opera comica, cantada á data da saída do vapor, foi *Les mousquetaires au couvent*, que tanto em relação á declamação, como ao canto e á *mise en scène*, foi applaudidissima.

\*

\* \*

Depare-se-nos na *Gazeta de Noticias* do Rio esta local, verdadeiramente extraordinaria, que transcrevemos textualmente:

«Não tinhamos ainda noticiado a entrada da sr.<sup>a</sup> Luiza Leonardo para o theatro Lucinda. Foi bom. Assim ficámos desobrigados de noticiar que ella está desligada da companhia d'esse theatro, onde pela primeira vez ia apparecer na scena.»

Sabiamos, por occasião de a ouvirmos no Colyseu de Lisboa, que Luiza Leonardo era pianista; á ultima hora, porém, apparece-nos metamorphoseada em actriz!!

\*

\* \*

No concerto Pasdeloup, em Paris, executou-se no ultimo domingo uma nova composição do sr. Massenet. É uma *preghiera* obrigada a côros, intitulada *Souvenez vous, Vierge Maria!* que o novel maestro compoz em vista da traducção feita por Jorge Boyer do Memorare de Saint Bernard. O solo foi cantado pela sr.<sup>a</sup> Brunet-Laffleur.

\*  
\* \*  
O *Mefistopheles* de Boito obteve um grande exito no theatro italiano de S. Petersburgo.

\*  
\* \*  
Está actualmente em scena em Paris uma nova magica em tres actos e vinte quadros, de Gastão Marot e Eduardo Philippe, musica de Bourgeois e Raul Pugno. Intitula-se *Fée Cocotte*.

\*  
\* \*  
Paulo Ferrier leu aos artistas do Odéon uma nova comedia em um acto, em verso.

\*  
\* \*  
Os artistas dos cafés-concertos de Paris vão reunir-se no intuito de formarem uma sociedade identica á dos artistas dramaticos, que lhes garanta o pão da velhice.

GASTRONOMIA

SOPA DE ERVAS

Separam-se porções iguaes de cenouras, azedas, aipo, favas pequenas, alface, refoga-se tudo com rodas de cebola, manteiga de vacca, sal e pimenta, tendo a porção de agua sufficiente para que fique

algun caldo. Depois de tudo bem cozido, junta-se 2 gemas de ovos batidos e deita-se sobre umas fatias muito delgadas.

FATIAS DE OVOS

Misturem-se bem 500 grammas de assucar, 8 ovos, dos quaes só se aproveitarão 5 claras, 1 litro de bom leite e uma pouca de baunilha pulverisada, colloquem-se sobre esta mistura fatias torradas muito finas embebidas em manteiga e polvilhadas de assucar pelo lado opposto áquelle que se embebe no liquido. Mandem-se em seguida para o forno. É uma sobremesa deliciosa.

EXPEDIENTE

As «Ribaltas e Gambiarras» saem todos os domingos, contendo cada fasciculo 8 paginas, e custando avulso 20 réis, e por assignatura de 25 numeros, entregues em casa, 500 réis. Depois de publicados 52 numeros, correspondentes ao anno, a empreza offerecerá aos seus assignantes uma capa destinada ao volume, sendo a paginação, a seguir, feita com este especial intuito. O volume custará avulso 1\$000 réis.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS  
REVISTA SEMANAL  
Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS  
Lisboa { Cada numero..... 20 réis } Rio de Janeiro—Assignatura  
Assignatura de 25 numeros..... 500 » de 25 numeros... 2\$000 réis  
Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95, Rua dos Ourives, 95.  
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.

RIBALTAS E GAMBIARRAS  
REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS  
Na Livraria ZEFERINO  
87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa  
CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

LIVRARIA CHARDRON—Editor  
PORTO

Ultimas publicações

THOMAZ RIBEIRO	da edição mais incorreta e augmentada.....	200
<b>D. Jaime</b> , poema, sexta edição, corrigida e annotada pelo autor, 1 vol.....	<b>Eccos humoristicos</b> do Minho 4 numeros.....	400
<b>Sons que passam</b> , terceira edição, 1 vol.....	<b>Luiz de Camões</b> , notas biographicas, 1 vol.....	400
<b>Vesperas</b> , poesias dispersas, 1 vol.....	EÇA DE QUEIROZ	
CAMILLO CASTELLO BRANCO	<b>O primo Bazilio</b> , Segunda edição, revista, 1 vol. de 608 pag.	1\$000
<b>Eusebio Macario</b> , romance realista, 1 vol.....	<b>O Crime do padre Amaro</b> , scenas da vida devota, 1 vol. de 674 pag.....	1\$200
<b>A Corja</b> , romance realista, continuação do «Eusebio Macario» 1 vol.....	<b>O mandarim</b> , conto phanastico, 1 vol.....	500
<b>Cancioneiro alegre</b> de poetas portuguezes e brazileiros, 1 vol.	GUIOMAR TORREZÃO	
<b>A Senhora Rattazzi</b> . Segundo	<b>Almanach das Senhoras</b> para 1881.....	240

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e do reino.

HISTORIA DE UM GATO PRETO

3.º SONETO

Falla a criada:

O gato é o peor dos demonicos!...  
Salta acima da mesa da menina,  
Atira ao chão o tal bahu da China  
E faz todos os oiros em fanicos!...

Adeus brincos, adeus broches tão ricos,  
Adeus anel com rica «venturina...»  
Egual ao que levei ao alto do Pina  
No tempo em que eu amava os «balharicos!»

Quando o pae souber isto... Santo Antonio!  
Vae aos ares... no chão bate c'os pés,  
Temos ralhos, arengas... o demonio!

Santissima Trindade!... e d'esta vez  
Não temos cá o primo Possidonio  
Que se trata por tu co'o 108.

(Bota piada o aguadeiro)